

Ministério da Cidadania, Fundação Bienal e Itaú apresentam a 34ª Bienal de São Paulo

34ª Bienal de São Paulo terá início em fevereiro de 2020 com mostras individuais e performances

Enquanto as exposições individuais apresentam trabalhos comissionados e obras já existentes, as performances são em grande parte inéditas. Identidade visual, projeto arquitetônico, parcerias internacionais, curadoria de publicações e projeto editorial também são anunciados

Marcada pelo encontro e potencialização mútua entre projeto curatorial e atuação institucional, a **34ª Bienal de São Paulo** enfatiza poéticas da “relação” e adota uma estrutura de funcionamento inovadora, que envolve a realização de mostras e ações apresentadas no Pavilhão da Bienal a partir de fevereiro de 2020 e a articulação com uma rede de mais de 20 instituições paulistas. Quando o Pavilhão for inteiramente tomado pela mostra, a partir de setembro de 2020, essas instituições promoverão, em seus próprios espaços, exposições integrantes da 34ª Bienal.

Com curadoria geral de Jacopo Crivelli Visconti e equipe curatorial composta por Paulo Miyada (curador adjunto) e Carla Zaccagnini, Francesco Stocchi e Ruth Estévez (curadores convidados), a 34ª Bienal de São Paulo é intitulada **Faz escuro mas eu canto**, verso do poeta amazonense Thiago de Mello (Barreirinha, 1926), e será inaugurada por **mostras individuais** das artistas **Ximena Garrido-Lecca**, **Clara Ianni** e **Deana Lawson**, além de **performances** de autoria de **Neo Muyanga**, **León Ferrari** e **Hélio Oiticica**.

Performances e mostras individuais

Como anunciado previamente, o modo de funcionamento da 34ª Bienal de São Paulo leva em consideração três eixos distintos: espaço, tempo e profundidade. No tempo, ela se alonga, iniciando-se em fevereiro de 2020 com três mostras individuais e três ações performáticas de curta duração, que ocupam determinadas áreas do Pavilhão da Bienal em diferentes momentos e introduzem alguns dos temas que serão desenvolvidos na exposição maior. A partir de setembro de 2020, as obras que integraram as exposições individuais reaparecem na grande mostra coletiva, em novos contextos mas carregando em si os significados que lhes foram agregados pela exibição prévia.

Para as três exposições individuais, foram convidadas artistas em meio de carreira de diferentes origens e pesquisas, que têm em comum o fato de serem autoras de produções prolíficas, complexas e instigantes: a peruana **Ximena Garrido-Lecca** (n. 1980, Lima), a brasileira **Clara Ianni** (n. 1987, São Paulo, SP) e a estadunidense **Deana Lawson** (n. 1979, Rochester, NY). Cada uma dessas mostras será acompanhada pela apresentação de uma performance: do sul-africano **Neo Muyanga** (n. 1974, Soweto), do argentino **León Ferrari** (1920-2013, Buenos Aires) e do brasileiro **Hélio Oiticica** (1937-1980, Rio de Janeiro).

"A Bienal inicia-se com uma série de mostras e eventos que introduzem parte dos temas que serão tratados em profundidade na exposição principal, a partir de setembro", explica Crivelli Visconti. "O Brasil e a América Latina estão representados com muita força, tanto do ponto de vista da nacionalidade dos artistas quanto dos assuntos tratados por eles, que vão desde questões sociais e políticas até o resgate de saberes ancestrais. Ao mesmo tempo, há uma atenção especial para a força e a urgência da produção que podemos inscrever no campo expandido da diáspora africana. De uma maneira geral, a 34ª Bienal busca dar visibilidade a produções que merecem maior atenção, como a arte indígena contemporânea (brasileira e de outras partes do mundo) ou a produzida no Caribe".

A primeira das mostras, com abertura em **fevereiro de 2020**, é de **Ximena Garrido-Lecca**, que vive e trabalha entre Lima e a Cidade do México. Sua pesquisa examina a turbulenta história do Peru e explora o impacto cultural dos padrões neocoloniais que são transmitidos através dos processos de globalização. A abertura de sua individual será concomitante à realização da performance inédita *A Maze in Grace*, de **Neo Muyanga**, em que um grande coro de vozes irá performar uma nova composição de sua autoria, baseada na canção *Amazing Grace*, frequentemente apresentada como um hino para marcar rituais de trauma e luto público ou para conjurar afeto durante reuniões políticas de massa em diferentes partes da África e do mundo anglófono.

A segunda mostra individual, com abertura em **abril de 2020**, é de **Clara Ianni**, cuja prática explora a relação entre a percepção do tempo, da história e do espaço no atual contexto do capitalismo globalizado. A abertura de sua exposição coincidirá com a realização da performance *Palabras Ajenas* (1965-1969), de **León Ferrari**. *Palabras Ajenas* é uma colagem literária que se apropria de citações de personagens históricos para construir um diálogo sobre violência, guerra e poder. A obra foi parcialmente lida em público duas vezes (em 1968, no Arts Lab, Londres, e, em 1972, no Teatro Larrañaga, Buenos Aires), e apenas recentemente passou a ser apresentada em sua versão integral (desde sua leitura em inglês em 2017, no REDCAT, Los Angeles). Essa será a primeira leitura completa da obra no Brasil e em português.

Em **julho de 2020**, acontece a terceira mostra individual no Pavilhão da Bienal, com obras da artista estadunidense **Deana Lawson**, que produz imagens íntimas de pessoas e lugares, frequentemente mesclando fotos espontâneas, encenadas e encontradas. Atenta aos estereótipos dos retratos ocidentais e africanos e comprometida a extrapolar seus contornos, Lawson produziu um novo conjunto de imagens em Salvador (BA), como parte de sua série de fotos que retratam de maneira extremamente pessoal lugares marcados pela forte presença de culturas oriundas da diáspora africana. A última performance, por sua vez, não acompanha a abertura da individual de Lawson, mas sim a da grande mostra coletiva realizada no Pavilhão da Bienal a partir de **setembro de 2020**: trata-se da obra jamais realizada de **Hélio Oiticica**, *A ronda da morte*, concebida em 1979, ao retornar ao Brasil após cerca de 10 anos entre Londres e Nova York, como resposta poética e simbólica ao otimismo da sociedade brasileira pelo declínio da ditadura, otimismo do qual o artista não compartilhava, por entender que faltavam ainda mudanças estruturais, que trouxessem uma efetiva justiça social.

Parcerias internacionais

Além da rede estabelecida com cerca de 25 instituições parceiras na cidade de São Paulo, já anunciada, a 34ª Bienal será desenvolvida em colaboração com instituições internacionais de renome, que estão co-produzindo e irão incluir em suas programações algumas das mostras individuais e performances. A apresentação de Neo Muyanga é uma iniciativa conjunta com a **Bienal de Liverpool** (Inglaterra), enquanto as mostras individuais contam com as seguintes parcerias: a exposição de Ximena Garrido-Lecca é coproduzida com o **CCA Wattis**, São Francisco (EUA); a exposição de Clara Ianni é coproduzida com o **Centre for Contemporary Art, Lagos – CCA Lagos** (Nigéria); e a exposição de Deana Lawson é coproduzida com a **Kunsthalle Basel**, Basileia (Suíça). Essas mostras serão apresentadas no exterior em 2021, salvo pela individual de Deana Lawson, que irá ocupar a Kunsthalle Basel de 27 de março a 24 de maio de 2020.

“A Fundação Bienal tem intensificado sua atuação internacional desde 2016, quando foi criado seu Conselho Consultivo Internacional. A realização da 34ª Bienal — com as parcerias firmadas com instituições dos Estados Unidos, Europa e África — também faz parte desse movimento. De forma similar, a experiência realizada com a próxima edição da mostra, de apresentar exposições antecipatórias, é fruto de nosso desejo de nos aproximarmos cada vez mais do Parque Ibirapuera e de nos abrimos para a cidade. A Bienal é um patrimônio de todos, e queremos que os paulistanos se sintam à vontade para se apropriar e vivenciar este espaço e experiência”, afirma José Olympio da Veiga Pereira, presidente da Fundação Bienal.

Projeto editorial

No âmbito da busca por uma pluralidade enriquecedora de posicionamentos e pontos de vista que caracteriza a 34ª Bienal de São Paulo, a curadoria de publicações é assumida por **Elvira Dyangani Ose**, diretora do **The Showroom**, Londres (Inglaterra), instituição que, assim, passa a integrar a rede de parcerias do evento.

Nas publicações da 34ª Bienal, os temas abordados na exposição servirão de ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre a sociedade e a cultura contemporâneas. Num formato inovador, da mesma forma que as obras de arte são primeiro apresentadas em uma configuração inicial e voltam ao longo do projeto enriquecidas e matizadas por novas justaposições, as publicações serão compostas por um conjunto de textos e imagens que serão apresentados, ao longo de um ano, em diversos formatos (tais como revistas, livros, jornais e plataformas digitais), e serão depois incorporados nos produtos editoriais que acompanharão a exposição principal.

Mais que seguir ou querer reproduzir a exposição de maneira supostamente objetiva, o conjunto de publicações buscará apropriar-se da sua metodologia aberta, com o intuito de enfatizar a impossibilidade de cristalizar de modo definitivo um processo que é, em sua essência, concebido para permitir constante transformação.

Identidade visual

Desenvolvida pelo artista e designer **Vitor Cesar**, a identidade visual da 34ª Bienal incorpora a poética do ensaio proposta pela curadoria ao desenvolver uma linguagem maleável que pode ser transformada em função dos diferentes contextos da 34ª Bienal. Nesse sentido, são compartilhadas agora as primeiras sintaxes visuais desse sistema, e novas irão aparecer nos diversos espaços de comunicação da mostra ao longo do tempo. “Ao invés de sintetizar uma imagem única, busca-se experimentar uma pluralidade visual em que é possível transitar entre clareza e complexidade com recursos criados a partir de ideias como encontros, atravessamentos, vínculos, vincos, dobras e relevos”, explica o designer.

Sobre o título

Encarado mais como uma afirmação que como um tema, o título da 34ª Bienal de São Paulo, *Faz escuro mas eu canto*, é um verso do poeta Thiago de Mello, publicado em livro homônimo do autor em 1965. Em sua obra, o poeta amazonense fala de maneira clara dos problemas e das esperanças de milhões de homens e mulheres ao redor do mundo: “A esperança é universal, as desigualdades sociais são universais também (...). Estamos num momento em que o apocalipse está ganhando da utopia. Faz tempo que fiz a opção: entre o apocalipse e a

utopia, eu fico com a utopia”, afirma o escritor. Crivelli Visconti completa: “por meio de seu título, a 34ª Bienal reconhece o estado de angústia do mundo contemporâneo enquanto realça a possibilidade de existência da arte como um gesto de resiliência, esperança e comunicação”.

Arquitetura

Motivado pelo conceito de “relação”, o escritório **Andrade Morettin Arquitetos**, convidado para desenvolver o projeto arquitetônico e expográfico da mostra, propôs, para a 34ª Bienal, trabalhar com a ideia de uma dimensão intermediária que torne mais íntima a escala monumental do Pavilhão, facilitando a conexão entre os visitantes e as obras. De acordo com Marcelo Morettin, “o projeto pretende trazer o conceito do espaço público do Parque Ibirapuera para dentro do prédio por meio de estruturas análogas a praças e calçadas, que mimetizem o funcionamento da marquise, conectando galerias que — quase como edifícios porosos que se contrapõem à escala ‘urbana’ do pavilhão projetado por Oscar Niemeyer — vão oferecer ambientes de naturezas variadas, em uma escala mais contida”.

34ª Bienal de São Paulo – *Faz escuro mas eu canto*

Pavilhão Ciccillo Matarazzo, Parque Ibirapuera
Entrada gratuita

Exposições individuais:

Ximena Garrido-Lecca / Neo Muyanga: 8 de fevereiro a 15 março

Clara Ianni / León Ferrari: 25 de abril a 8 de junho

Deana Lawson: 18 de julho a 23 de agosto de 2020

Exposição coletiva*: de 5 de setembro a 6 de dezembro de 2020

* com performance de Hélio Oiticica na abertura

Equipe curatorial

Curador geral: Jacopo Crivelli Visconti

Curador adjunto: Paulo Miyada

Curadores convidados: Carla Zaccagnini, Francesco Stocchi e Ruth Estévez

Curadora convidada para publicações: Elvira Dyangani Ose, diretora do The Showroom, Londres

Informações à imprensa:

Caroline Carrion: caroline.carrion@bienal.org.br / 11 5576 7624

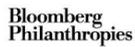
Felipe Taboada: felipe.taboada@bienal.org.br / 11 5576 7628

www.bienal.org.br/press

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



PARCERIA CULTURAL



PARCERIA INSTITUCIONAL

